

Uma vivência que virou conto, que virou verso que quer virar música

Ana Carolina Amaral Florence

Os antigos ensinamentos que se ocultavam nos contos de fadas, carregavam e transmitiam a profunda e verdadeira sabedoria da humanidade e neles seus conhecimentos mais ocultos, suas sagas muitas vezes incompreensíveis e até intraduzíveis e mesmo assim acessavam e atingiam de alguma forma as almas humanas alimentando suas buscas, saciando suas trevas trazendo o conforto por um lado, o conflito por outro e neste movimento uma atividade. Uma atividade em direção a este mundo do entender perdido e que dessa densa escuridão necessita reencontrar a luz da espiritualidade. E, porém agora, por outras vias, mais conscientes, mais acordadas nos indivíduos e menos no coletivo.

Se estamos agora nessa atividade de ascensão e nela com lampejos de consciência e percebemos que tudo que somos , estudamos , entendemos se manifesta em tudo à nossa volta e dentro de nós, temos então um dever.

Se formos então capazes de sentir pelo o coração o que percebemos pelos sentidos e ao mesmo tempo captar o que sentimos na alma com compreensão, creio que seremos mais sábios com as mãos.

Arrisco dizer que tanto nossa estrutura física, quanto nossos processos poderiam ser transformados em imagens, em palavras de contos de fadas.

Se temos a oportunidade de ter por missão transformar nossas vivências em um prato apetitoso para as almas das crianças, respeitando sua consciência onírica, então temos por obrigação, pelo menos, tentar...

Exponho esta tentativa para os amigos que tiveram o privilégio e puderam se servir comigo deste Antropoprato Apetímúsica.

O Reino dos cinco Tons

No reino dos cinco tons
Ouve-se o rei bom de correto dom
Pensador certo , exímio cavaleiro
Que de sua reta torre vigiava o reino inteiro

Do povo do sol nascente
Que toca canta e flores planta
Ao povo do sol poente
Que com garra cultiva'uva e com devoção agradece a chuva

Do outro o aconchego,
Mesa farta bom soninho
Lindas cordas bem suaves
Vão glissando de mansinho

E aquele firme forte povo bem trabalhador
Protege o nosso reino junto ao som do seu tambor

E foi que certo dia algo terrível aconteceu

E' daquele estranho fato o sol querido desapareceu
Então por todo o reino imensa escuridão se estendeu
E o rei desesperado a todo lado percorreu

Mas nada adiantou...
Pois nublado, enevoadado...
Aquele lindo reino , em plena escuridão permaneceu

Enfim o sábio Eremita
Um bom conselho lhe deu
E junto aos seus corcéis
Uma jornada empreendeu

Com coragem, perseverança
Esperança e sua lança
Deveria encontrar
O mistério com confiança

Ogof ele levou
Augá ele plantou
Arret ele lançou
O tom ele cantou

A floresta ele cruzou, o abismo ele enfrentou
Na campina descansou e a sede saciou
O barqueiro o levou ,e Orcuse ele encontrou
Grande Zul , quem revelou e o segredo desvendou

Pode então enfim voltar, pelo céu "cavalgavoar"
Pode Ogof retornar e a torre iluminar

Tocaram , cantaram , dançaram e homenagearam
O honroso, amoroso e corajoso rei vencedor
Que trouxe o sol , o calor , o amor
A luz , a harmonia e o esplendor.

O Mistério do Reino dos Cinco Tons

Era uma vez um Reino donde se ouvia soar ao longe suaves e belas melodias. Deste reino nasciam todos os sons, era dele que emanava a fonte luminosa das mais belas cantigas e também dos exóticos sons da natureza (tocar a pentatônica e trinar no sol), do vento, da água, dos bichos, dos trovões dos pássaros dos peixes e até mesmo das poderosas vozes humanas

Este reino era regido por um magnífico Rei, um Rei Cavaleiro, um Rei Bondoso , um rei Correto , um Rei Filósofo . Seu povo era muito orgulhoso de seu Sábio líder e neste reino viviam bem organizados. O rei mandou construir uma Reta torre bem no centro do reino e desta partiam estradas também retas para que pudesse chegar até os extremos e ás fronteiras, também abriram caminhos cheios de curvas que davam acesso mais íntimo aos queridos moradores do reino.

Eram quatro regiões, em cada uma delas havia uma vila e de cada uma delas se ouvia uma tonalidade especial, havia o povo da região do Sol Nascente onde nos campos e campinas cultivavam flores silvestres de variadas espécies e cores , eram muito saltitantes e alegres gostavam de festejar as auroras e tocar flautas para o Sol que vem exuberante iluminar todos os dias.

Os moradores do reino da face do poente eram muito profundos na conduta e cultivavam seriamente suas terras para colherem as mais suculentas e saborosas uvas, daquele lado o terreno montanhoso era rochoso e quase impermeável, ótimo para produzirem as melhores uvas e ótimo para desafiar a força, a coragem e a persistência de seus moradores, que ao final de cada dia, agradeciam comovidos pela realização da labuta, com sons de suas cordas em Harpas, Liras e violões que eles mesmos manufaturavam.

Antes de contar como eram os moradores da Fronteira e do Reflexo vou lhes contar como eram os dias deste valoroso Rei. Ao acordar todas as manhãs se espreguiçava e em suas orações meditava sobre seu Reino, exercitava-se saudando o dia, a aurora, o sol e após sua refeição matinal ia diretamente para as baías reais onde cumprimentava calmamente cada um de seus corcéis. Depois os escovava os alimentava com tenro feno e saboroso farelo de trigo depois abria a baías para que pudessem pastar soltos no campo e beberem água fresca no riacho. Nem preciso dizer que estes animais eram fortes saudáveis e fiéis ao seu amo, o Rei.

Depois o rei partia montado alinhadamente em seu belo animal e ia visitar um das faces do reino, ouvir sua música e seu povo, ver rebanhos, lavouras e vilas, voltava por curvas para conferir que a paz harmonia estaria imperando. Ele ia pela via principal, uma estrada reta que o levava até o extremo e voltava por estradas curvas que permitiam que conversasse e indagasse de perto, com dedicação,

Voltava para o reino e era hora de encontrar-se com seus homens de confiança para resolver todas as questões. A noite meditava, filosofava e ouvia a música do reino do alto de sua alta e retíssima torre central podia ouvir se soava harmonia no reino.

Mas preciso lhes contar ainda como era o povo do Reflexo era muito organizado e adoravam a boa comida, por isso eram excelentes agricultores e pecuaristas pois sua produção lhes garantia uma mesa farta, mantinham seus campos que eram suaves e planos sempre bem adubado e produzindo frutas, verduras, legumes, pastagem para seus rebanhos, e flores para que suas abelhas produzissem um bom mel.. Faziam um lindo som com seus violinos sempre que queriam repor as forças do trabalho.

Então resta conhecer o povo da fronteira que eram os guardiões do reino, plantavam árvores frondosas, florestas impenetráveis cheias de caminhos curvos e sinuosos onde quem não os conhecia poderia facilmente se perder, florestas que protegiam as divisas e de onde eles colhiam a madeira para seu trabalho, construíam casas, fabricavam móveis, charretes, carroças, carruagens (Quem sabe a diferença?), eram pessoas muito firmes, pisavam duro no chão e se algum invasor ameaçasse o reino eram eles os valentes protetores. Tocavam fortes tambores com muita precisão e destreza. O som de seus tambores, eram tão ameaçadores que ninguém ousava invadir o reino sem permissão.

Foi quando certa vez algo terrível aconteceu e foi do alto da reta torre que ele primeiro ouviu o desastre, depois com seus próprios olhos constatou. O som era sutilmente ensurdecidor, uma grande dissonância emanava de seu reino, orei do alto de sua reta tora olhava e tentava entender aquele mistério e naquela manhã o pior aconteceu, o sol não nasceu e o reino escuro e sombrio permaneceu.

(Tocar a pentatônica sem o sol)

O Rei pegou seu mais forte e veloz cavalo e foi correndo nas retas vias dos quatro lados em busca da do sol, mas nada de encontrar, o rei estava exausto de correr em vão na escuridão foi então que teve de embrenhar-se na mata densa e procurar Atimare, o velho, sábio, amigo eremita que lá vivia para com ele se aconselhar. Atimere, porém não tinha a resposta exata e lhe pediu um tempo, que lhe daria a resposta em uma semana, mas que enquanto isso o Rei deveria imbuir-se de toda coragem, confiança esperança e partisse, deixasse seu reino e percorresse os quatro cantos do mundo por retas e curvas em busca da luz do sol.

Que procurasse seu irmão Zul, nas entranhas da caverna do Orucse que ficava na Ilha do Topo. Levasse a ele esta caixa contendo a misteriosa força do Ogof. E certamente ele ajudaria.

O Rei ficou muito triste em ter de deixar seu Reino na escuridão. Vendo que não tinha alternativa escolheu três de seus melhores corcéis, o Negro, o Alvo e o Alazão para esta travessia e partiu imbuído de esperança, confiança e coragem. Vieram sete representantes de cada parte do reino para saudá-lo solenemente em sua partida. O Povo do nascente trouxe-lhe uma bela cantiga e suas flautas de rá, o povo do poente uma pedra preciosa Árret para lhe dar confiança e sorte, o povo do reflexo trouxe-lhe uma muda de Augá, a da árvore da persistência e o povo da fronteira, trouxe-lhe uma fagulha de Ogof.

Partiu enfim o rei correto, percorreu campos, campinas, morros, montanhas, altas escarpas, atravessou bosques tranquilos onde pode repousar e frescos riachos saciar sua sede e de seus três parceiros, o Negro, o Alvo e o Alazão; também tiveram de atravessar fortes correntezas e quedas, conheceu povos de diferentes línguas, diferentes jeitos e aparências. Conheceu animais de vários tamanhos e, comportamentos e natureza.

Chegou enfim ao oceano e lá conheceu o barqueiro que o levou a Ilha do Topo, nesta residia Zul, o rei teve, com dor no coração, de deixar seus companheiros na entrada da Caverna pois ele precisou se curvar para poder passar na estreita passagem e foi sozinho procurá-lo, neste momento, na escuridão, lembrou-se da fagulha de Ogof e assim conseguiu enxergar na escuridão de Orucse. Zul já sabia de tudo, lhe deu-lhe as boas vindas e disse: -Volte para o seu Reino e leve a Fagulha de Ogof para o coração da torre reta, mas cuidado, ela não pode apagar jamais. Deve ser sempre protegida.

Assim quando voltou à entrada da caverna seus corcéis já não eram mais os mesmos, haviam sido honrados com imensas asas, eram agora alados e magníficos.

O Rei pode então cavalgar, ou voar cavalgavoado direto para sua reta torre central e ao colocar a chama de Ogof em seu coração, pode então sentir o calor e a Luz do sol surgindo para os lados do nascente e todo reino festejou.

Se Ogof ainda não apagou, continua iluminando e aquecendo o reino deste cavaleiro, bondoso, filósofo e correto Rei.